

ALCIDES COSTA VAZ*

IMPLICAÇÕES GEOPOLÍTICAS DA CRISE NA TURQUIA

Ademais de sua bem conhecida condição de ponte entre a Europa, o Oriente Médio e a Ásia Central, o território da Turquia e seu entorno constituem-se no espaço para o qual convergem dinâmicas de três importantes contextos geopolíticos conformados em torno dos flancos sul e leste do Mediterrâneo, do Mar Negro e do Mar Cáspio (ver mapa 1), cuja importância deriva de um diverso conjunto de fatores, dentre os quais destacam-se:

- (i) Presença e sobreposição de interesses estratégicos competitivos das grandes potências, notadamente os Estados Unidos, a União Europeia e a Rússia ;
- (ii) Importância econômica associada à existência de grandes fontes de insumos energéticos próximas de um grande mercado de destino, a União Europeia;
- (iii) Aspirações hegemônicas, no plano regional, de parte de quatro países (a própria Turquia, Irã, Israel e Arábia Saudita);
- (iv) Importantes disputas políticas, territoriais e étnicas e reivindicações de autonomia (Geórgia, Iraque, Síria, Armênia, Chipre), com destaque, para efeitos da presente análise, daquela propugnada pelos curdos;

* É bacharel em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (1982), mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (1987) e doutor em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP (2001). Atualmente é professor da Universidade de Brasília.

- (v) Fatores de insegurança de caráter transnacional que se reforçam mutuamente (fluxos migratórios, questões étnicas, terrorismo). É nesse contexto mais amplo que se consideram, na presente análise, os efeitos geopolíticos mais imediatos da recente crise na Turquia.

Figura 1



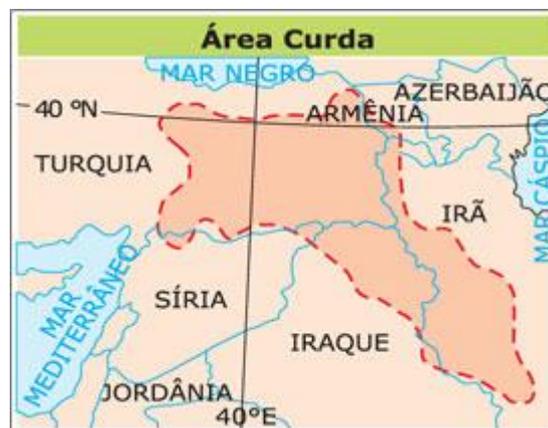
Fonte: <http://www.turquia.net/wp-content/uploads/2011/03/fronteras-de-Turquia-copy.jpg>

Historicamente, a Turquia procura tirar proveito de sua localização e da condição de elo ou ponte entre diferentes regiões, para angariar prestígio e melhor condição de barganha junto aos principais atores de seu contexto geoestratégico. Sob a liderança de Erdogan, o país também dá mostras de crescente disposição de alcançar o status de potência regional, o que altera substantivamente a lógica de seu relacionamento com as grandes potências e com os países em seu entorno regional, relacionamento este já caracterizado por importantes disputas com quase todos seus vizinhos, como sumarizado a seguir.

Com a Armênia, país com o qual a Turquia não mantém relações diplomáticas, persistem diferenças em torno de duas graves questões: a primeira envolve a morte de mais de um milhão de armênios perpetrada pelo governo otomano durante e em seguida à Primeira Guerra Mundial e a recusa da Turquia de reconhecer o fato como genocídio; a segunda, o alinhamento da Turquia com o Azerbaijão em seu conflito com a Armênia (1988-1994).

Com o Iraque, a principal questão se estabelece em torno do conflito com os curdos e da reivindicação por independência e criação de um Estado curdo a partir da região semiautônoma ao norte do Iraque, ora sob controle curdo e que abriga importantes reservas energéticas. Cumpre destacar que a área de presença curda alcança quatro países, além da própria Turquia (Irã, Iraque, Síria e Armênia), como se vê na figura 2.

Figura 2



Fonte: <http://clebinho.pro.br/wp/wp-content/uploads/2015/03/2002-61-171-48-i010.jpg>

Com o Irã, embora diferindo fortemente em relação ao apoio prestado por Teerã ao governo de Bashar Al-Assad na Síria, a Turquia procura aproximação com base no interesse de diversificar suas fontes de suprimento de gás e de petróleo e no propósito de impedir a criação de um estado curdo.

Com a Síria, a Turquia mantém relações conturbadas, em razão de conflitos limítrofes e de graves diferenças políticas, fazendo oposição ao regime de Assad. Com a União Europeia, sustenta importantes diferenças em torno da questão do Chipre e das condições colocadas pelo bloco para sua eventual admissão naquela união econômica e política. Finalmente, com a Rússia, as diferenças se estabelecem em torno de recursos energéticos e de seus mercados, das políticas em relação ao conflito da Síria, dos vínculos da Turquia com a OTAN e da sua maior proximidade histórica do país em relação aos Estados Unidos e à União Europeia.

Em tal contexto, a política e as ações da Turquia em seu entorno têm privilegiado movimentos táticos com os quais busca gerenciar o quadro de oportunidades e riscos nas relações com seus vizinhos e com as grandes potências, em um movimento recorrente que intercala pragmaticamente ações de aproximação e

distanciamento, modulando seu engajamento nos diferentes conflitos presentes em seu entorno e os próprios padrões de alinhamento, de modo a manter-se na condição de exercer influência em um ambiente regional de grande instabilidade e volatilidade política e frente também às duas principais potências atuantes em seu entorno: os Estados Unidos e a Rússia.

É sobre esse pano de fundo que devem ser considerados os desdobramentos da recente crise turca no plano geopolítico, envolvendo os seguintes aspectos: o próprio *status quo* de poder da Turquia em seu entorno; padrões de alinhamento e o equilíbrio de poder no contexto regional; a questão energética e, finalmente, os desafios de segurança de alcance transnacional como as migrações e o terrorismo, que serão abordados nos parágrafos subsequentes.

Em relação à posição de poder da Turquia, a crise tende a reforçar a tendência de fortalecimento do status de potência regional e de maior assertividade turca nas questões políticas, econômicas e geoestratégicas, refletindo, concomitantemente, seu poderio econômico, que sobrepassa o dos demais potenciais aspirantes a *hegemon* regional (Israel, Irã e Arábia Saudita), como também seu crescente poderio militar. Como apontado, a Turquia vem, gradualmente, apondo a modificação gradual de *status quo* regional à condição de ponte entre três importantes regiões e que lhe confere grande importância política e geoestratégica. Esse movimento, contudo, torna ainda mais complexo e instável o cenário político regional na medida em que também afeta diretamente os eixos de relacionamento bilateral do país e os padrões de alinhamento discerníveis em um ambiente de alta volatilidade política.

O fortalecimento do poder do Presidente Tayyip Erdogan e da influência do fator religioso em seu governo aponta para recrudescimento do antagonismo ao projeto de autonomia dos curdos na esteira da luta que empreende contra o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). Nesse contexto, e considerando também outras variáveis como o recrudescimento da oposição ao governo sírio e a continuidade de apoio ao enfrentamento ao Estado Islâmico, a possibilidade de novos ataques terroristas na Turquia tende também a aumentar.

Espera-se que a repressão à oposição e a possibilidade de reintrodução da pena de morte provocará a redução do fluxo migratório que hoje possui a Turquia como destino final; em contrapartida, o fluxo de migrantes, particularmente de refugiados sírios que atravessa o país com destino à Grécia e outras partes da

União Europeia, tende a aumentar, afetando significativamente o papel da Turquia no processo mediante o qual a crise migratória vem sendo gerida.

O fortalecimento da oposição à demanda por autonomia dos curdos fomenta, por sua vez, a recente tentativa de aproximação com o Irã, ao mesmo tempo em que também faz aumentar a importância da Turquia como fator de contrapeso ao poder e influência do Irã no Oriente Médio, sobretudo após o acordo alcançado em torno de seu programa nuclear, o qual deve levar à suspensão das sanções que lhe foram impostas e ao concomitante fortalecimento da economia iraniana.

O desenlace da crise também tende a reforçar, em um primeiro momento, o recente processo de aproximação entre a Turquia e Israel, amparado na mútua dependência que possuem nos campos econômico e energético e que também compõe o tênue quadro de equilíbrio regional, como se verá adiante. No entanto, nenhuma mudança significativa deve decorrer no que diz respeito às posições turcas em relação à Síria, ao Chipre e a Armênia.

Se os desdobramentos da recente crise e de seu desenlace sobre as relações bilaterais da Turquia com seus vizinhos tendem a reforçar processos e tendências já instaladas, isso não se aplica aos padrões de alinhamento e ao equilíbrio de poder no contexto regional. A polarização política interna que acompanha o fortalecimento de posturas autocráticas do Presidente Erdogan e o tratamento dispensado às forças que lhe fazem oposição, a perspectiva de reintrodução da pena de morte e a maior influência do componente religioso em seu governo geram um distanciamento crescente em relação à União Europeia, praticamente inviabilizando o pleito de adesão da Turquia à mesma, pleito este, de resto, aparentemente deixado de lado pelo próprio governo turco.

Ao mesmo tempo, a maior importância da Turquia e seu crescente protagonismo em seu entorno a colocam como variável chave para o equilíbrio de poder em sua região e lhe outorgam maior margem de ação para buscar também aumentar seu perfil e poder de barganha junto aos Estados Unidos, em torno de apoio político às perspectivas norte-americanas sobre as principais questões estratégicas da região. Tal movimento embute também um componente de distanciamento em relação aos Estados Unidos, já perceptível anteriormente à crise, e que se expressa de modo claro na maior proximidade, ainda que também limitada, que o governo turco passou a fomentar com a Rússia e que representa, por sua vez, o desdobramento de maiores

impactos potenciais da crise no plano geopolítico. A crise acentua todos os aspectos que já alimentavam o distanciamento turco em relação aos seus até recentemente principais aliados, os Estados Unidos e a União Europeia.

Um aspecto crucial a ser observado no futuro próximo é se este distanciamento forma parte de um esforço de forjar novas bases para o equilíbrio de poder regional em uma condição na qual a Turquia tenha sua influência e protagonismo fortalecidos regionalmente e junto às duas grandes potências ou se conduzirá a uma ruptura com o padrão de alinhamento até então vigente e que a mantinha em sintonia com os interesses estratégicos norte-americanos e europeus, escudados, finalmente, na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

O desenlace da crise aponta também para o reforço da tendência de diversificação, pela Turquia, de suas parcerias no campo energético, evitando a excessiva dependência para com qualquer fornecedor individualmente. Aponta também para o fortalecimento de sua condição privilegiada na articulação de projetos de geração, distribuição e de comercialização de insumos energéticos, em particular gás e petróleo, de modo a se transformar em um grande *hub* inter-regional em matéria energética.

Em conclusão, as implicações geopolíticas da crise na Turquia, no curto prazo, tendem a ser mais importantes no que diz respeito ao fluxo de refugiados, à questão da autonomia dos Curdos e às relações com o Iraque, Irã e Israel. Já no médio prazo, o afastamento em relação à União Europeia e aos Estados Unidos e a concomitante aproximação com a Rússia podem implicar a reconfiguração dos padrões de alinhamento, o próprio equilíbrio de poder e as perspectivas de estabilidade regional, uma vez que os fatores que moldam o panorama político e que condicionam os desígnios do Presidente Erdogan não asseguram que a mudança, tanto do *status quo* de poder quanto do perfil político e estratégico da Turquia, atue como fator de estabilidade para seu entorno.